Captação líquida dos fundos no 1º tri de 2026 é a maior para o período nos últimos cinco anos

Apesar das incertezas no cenário econômico, tanto no Brasil quanto no exterior, a indústria de fundos apresentou um desempenho positivo no primeiro trimestre de 2026. A **captação líquida alcançou R$ 159,2 bilhões entre janeiro e março** — um salto expressivo em relação aos R$ 8,3 bilhões registrados no mesmo período do ano passado. **Este é o melhor resultado para o intervalo nos últimos cinco anos**. Com esse desempenho, o patrimônio líquido da indústria de fundos atingiu R$ 10,8 trilhões.

+ Confira todos os resultados no Boletim de Fundos

O avanço foi impulsionado principalmente pelos **fundos de renda fixa**. A categoria registrou captação líquida positiva de **R$ 130,3 bilhões** no primeiro trimestre, mais do que o dobro do observado em igual intervalo do ano passado (R$ 58,3 bilhões). A maior contribuição veio dos fundos do tipo **duração baixa crédito livre**, responsáveis por **R$ 61,8 bilhões** do total. Esses produtos podem manter mais de 20% da carteira alocada em títulos de médio e alto risco de crédito, tanto no mercado doméstico quanto no exterior.

“Esse resultado mostra a capacidade de adaptação e a solidez da indústria de fundos, mesmo em um ambiente marcado por riscos econômicos e tensões geopolíticas”, afirma Pedro Rudge, nosso diretor. “Com os juros ainda em patamares elevados, a renda fixa segue no radar dos investidores, seja por meio dos fundos tradicionais ou dos ETFs que acompanham índices dessa classe de ativos.”

Os **ETFs** registraram a s**egunda maior captação líquida entre todas as classes de fundos** . As entradas líquidas somaram **R$ 17,8 bilhões** entre janeiro e março — **o melhor resultado para o período nos últimos cinco anos**. Desse total, **R$ 15,5 bilhões** foram direcionados a **ETFs de renda fix**a, refletindo a busca por estratégias alinhadas ao cenário de juros elevados.

Os **multimercados** também encerraram o trimestre no campo positivo, com captação líquida de **R$ 11,2 bilhões**. **Considerando os resultados dos primeiros trimestres desde 2022**, **esta é a primeira vez que a categoria registra saldo positivo** no período. Embora o desempenho tenha sido influenciado majoritariamente por um único fundo — responsável por cerca de R$ 11 bilhões do total —, o dado aponta uma **reversão relevante frente ao mesmo período de 2025** , quando os multimercados registraram resgates líquidos de R$ 30,1 bilhões.

Na outra ponta, os **fundos de ações** seguiram apresentando saídas líquidas, ainda que em intensidade significativamente menor. No acumulado do primeiro trimestre, os resgates somaram **R$ 6,4 bilhões**, bem abaixo dos **R$ 34,2 bilhões** registrados entre janeiro e março do ano passado. O desempenho foi puxado principalmente pelos **fundos de ações livres**, que não seguem uma estratégia específica, responsáveis por R$ 5,5 bilhões das saídas no período.

Também fecharam o trimestre com resgates líquidos os **FIDCs (Fundos de Investimento em Direitos Creditórios)**, os fundos de **previdência** e os **cambiais**, com saídas de **R$ 2,3 bilhões, R$ 309 milhões e R$ 80 milhões**, respectivamente.

Na contramão, os **FIPs (Fundos de Investimento em Participações)** tiveram desempenho positivo, com captação líquida de **R$ 6,4 bilhões**, assim como os Fiagros, que registraram entradas de **R$ 2,4 bilhões** no período.

Rentabilidades

Na **renda fixa**, os fundos do tipo **duração baixa crédito livre** apresentaram o melhor desempenho no trimestre, com **valorização de 3,4%**, em linha com o CDI e acima da

rentabilidade média da categoria no período, de 2,6%.

Entre os multimercados, o melhor resultado foi dos fundos do tipo **long & short direcional**, que realizam operações com ativos e derivativos ligados ao mercado de renda variável, por meio de posições compradas e vendidas. No acumulado dos três primeiros meses do ano, esses fundos alcançaram **rentabilidade de 3,36%**, desempenho bastante superior ao do IHFA (Índice de Hedge Funds ANBIMA), que recuou 0,05% no mesmo período e da rentabilidade média da classe no trimestre, de 1,7%.

Já na categoria de **ações**, o destaque ficou com os fundos do tipo **mono ações**, que concentram investimentos em ações de uma única empresa. Esses fundos registraram **rentabilidade de 29%** no trimestre, acima do Ibovespa, que avançou 16,3%, e da rentabilidade média da classe no período, de 10,7%.

Encontros do mercado de carbono avançam debate sobre seu desenvolvimento no Brasil

Iniciativas da Anbima reuniram governo, reguladores, infraestruturas e instituições do mercado para discutir a consolidação do mercado brasileiro de carbono

Nas últimas semanas, iniciamos uma série de encontros dedicados ao fortalecimento do diálogo entre o mercado e o governo para o desenvolvimento do mercado brasileiro de carbono. As duas edições já realizadas reuniram representantes do Ministério da Fazenda, da CVM, infraestruturas de mercado e de instituições do mercado financeiro para discutir os avanços regulatórios, os desafios operacionais e o papel do mercado de capitais na consolidação das negociações de créditos de carbono.

“A ideia é que a gente possa gerar liquidez [para os créditos de carbono] dentro de um ambiente seguro, com credibilidade e integridade”, afirmou **Aline Ferreira, coordenadora do nosso Grupo de Trabalho de Mercado de Carbono**, durante o **1º Encontro do Mercado de Carbono**, realizado em 27 de março.

Temas em debate

Ao longo das discussões, foram abordados aspectos centrais do SBCE (Sistema Brasileiro de Comércio de Emissões), incluindo os avanços e a complexidade do processo regulatório em curso. Questões como interconexões entre sistemas, custo de observância e segurança jurídica estiveram entre os principais temas tratados no primeiro encontro.

Também ganhou destaque a importância da integração entre os ativos integrantes do SCBE, como CBE, CRVE e créditos de carbono e os mercados financeiro e de capitais. Essa conexão é considerada estratégica para ampliar escala, eficiência e liquidez na negociação desses ativos, contribuindo para posicionar o Brasil de forma competitiva no cenário internacional.

No **2º Encontro do Mercado de Carbono**, realizado em 8 de abril, o debate avançou para temas como ofertas públicas, negociação e aposentadoria de créditos de carbono no mercado de capitais, aprofundando a discussão sobre os instrumentos e as infraestruturas necessárias para a operacionalização do mercado regulado, e contou com a participação da B3.

ANBIMA em Ação

Acompanhamos a agenda de mercado de carbono de forma consistente nos últimos anos. Desde 2021, participamos ativamente das discussões legislativas e regulatórias, mantendo interlocução com o Ministério da Fazenda e a CVM, por meio de contribuições em consultas públicas, reuniões técnicas e notas institucionais — atuação que contribuiu com a publicação da Lei 15.042/2024, que estabeleceu as bases do SBCE.

Recentemente, a Anbima passou a ocupar uma cadeira titular no CTCP (Comitê Técnico Executivo Permanente) do SBCE, representando mais de 1.500 instituições de diversos segmentos e reforçando nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável dos mercados financeiro e de capitais.

O mercado de carbono integra o ANBIMA em Ação, conjunto de ações prioritárias para 2026.

Fonte: Anbima, em 13.04.2026.